NÚCLEO DE IMPRENSA E COMUNICAÇÃO

PET MANIA

Siga o **Jornal Pet Mania** nas redes

@jornalpetmania
@jornalpetmania
@jornalpetmania
@jornalpetmania
www.jornalpetmania.com

O jornal de quem ama os animais

Edição 05 - Ano 1 - Setembro 2025

Distribuição Gratuita



PLANTAS TÓXICAS PARA PETS: O perigo escondido no jardim.

Conheça os riscos escondidos em plantas comuns e saiba como montar um jardim seguro e pet friendly

Página 4



Monitoramento ambiental: O check-up da natureza que salva vidas

Página 8



Página 6

Do campo de batalha à selva ferida – O comandante que salva centenas de animais

O que fazer se o seu pet for picado por um animal peçonhento?



Página 11



MITO OU VERDADE

Cadelas e gatas têm menopausa?

Página 10

EDITORIAL

Setembro marca o início da Primavera, uma estação mágica onde as flores começam a mostrar todo o seu potencial, decorando o mundo ao nosso redor e tornando a vida mais bonita. Em homenagem a Primavera, a edição desse mês é voltada para a natureza e os animais que a habitam.

Para isso, conversamos com profissionais e instituições que atuam diretamente com animais silvestres e com o meio ambiente e trouxemos matérias mais do que especiais: Monitoramento Ambiental: O que é e por que é vital para nós?; O Comandante Veterano do Corpo de Fuzileiros Navais que dedica sua vida a resgatar animais silvestres; O que fazer se seu pet for picado por um animal peçonhento? Confira as dicas do Instituto Butantan.



Será que cadelas e gatas, assim como as mulheres, sofrem de menopausa? Confira a resposta no Mito ou Verdade.

E tem muito mais no nosso Portal de Notícias
Acesse: www.jornalpetmania.com

Boa leitura.
E até a próxima!

PET MANIA

O jornal de quem ama os animais

EXPEDIENTE

O jornal PET MANIA é uma publicação do NIC – Núcleo de Imprensa e Comunicação Ltda – CNPJ nº 58.276.226/0001-08

Editor-chefe: Patrick Araujo - MTe 1.487/BR
Jornalista: Isabel Araujo - MTe 2.229/BR
Médico Veterinário Responsável:
Patrick Araujo - CRMV/RJ 15.862

Colaboradores:

Dra. Camila Amaral | Cmt Marcelo Alencar
Alexander Ferreira | Instituto Butantan

Fale com o Jornal Pet Mania

(21) 97572-3391

redacao.petmania@gmail.com

Assessoria e Consultoria em casos de:

Guarda compartilhada de animais
Animais em condomínios
Maus - tratos
Erro médico veterinário
Alimentos contaminados

P.A.F VETERINÁRIA FORENSE

@paf_vetforense

(21) 98237-7820

Sinpatinhas: Saiba como fazer o cadastro e entenda a importância do sistema

Sistema gratuito reúne dados de pets e de seus tutores para fortalecer políticas públicas e combater o abandono e maus-tratos.

O Governo Federal lançou recentemente o SinPatinhas, o Cadastro Nacional de Animais Domésticos, uma ferramenta que promete mudar a forma como cães e gatos são identificados e acompanhados. O sistema é gratuito, funciona de maneira totalmente digital e pode ser acessado pelo portal **GOV.BR**. No momento, o sistema só permite o cadastro de cães e gatos, não aceitando outras espécies.

Segundo o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, responsável pela iniciativa, o objetivo é centralizar informações sobre animais de estimação e tutores em um banco de dados nacional.

A criação do SinPatinhas visa, principalmente, agir como uma ferramenta no combate ao abandono e aos maus-tratos, já que ele vai armazenar dados do animal e do tutor, facilitando a identificação e localização do tutor. Também vale para os casos onde o animal foge ou se perde. Outra função do banco de dados é ajudar gestores públicos e entidades de proteção a planejarem políticas públicas e campanhas de forma mais eficiente.

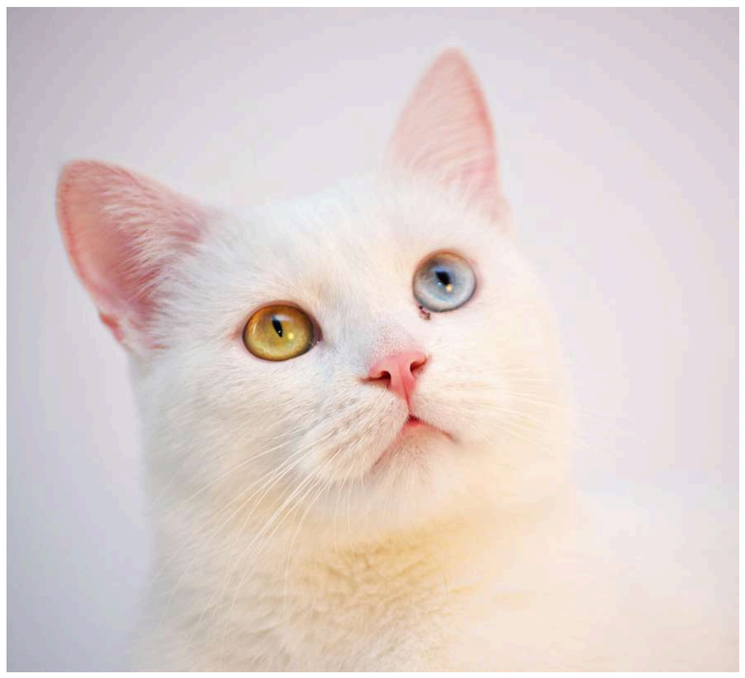
Como funciona

No SinPatinhas, tutores podem cadastrar seus cães e gatos preenchendo dados básicos como nome, idade, sexo, raça, características físicas, histórico de vacinação e, quando houver, o número de microchip. Ao concluir o processo, o sistema gera uma carteirinha digital com QR Code, que pode ser usada para identificar rapidamente o animal em caso de perda ou resgate.

O cadastro não é restrito apenas a pessoas físicas. Clínicas veterinárias, ONGs de proteção animal e órgãos públicos também podem se inscrever, registrando animais sob seus cuidados e integrando informações já existentes em sistemas locais.

Qualquer tutor com conta no **GOV.BR** pode registrar seus pets. O sistema também está aberto para profissionais veterinários, protetores independentes e instituições públicas ou privadas que atuem com cães e gatos. A ideia é que todos os estados e municípios possam aderir, criando uma rede integrada de informações.

Pexels





Eros - O Estagiário

Como fazer o cadastro no SinPatinhas

1) Acesse o portal gov.br e procure por SinPatinhas – Cadastro Nacional de Animais Domésticos.

2) Faça login com sua conta gov.br. Caso não tenha, pode criar gratuitamente na própria plataforma, informando CPF e outros dados pessoais.

3) Escolha a opção “Cadastrar animal” O sistema abre um formulário digital para incluir as informações do pet.

4) Preencha com os dados do pet:

- Nome, idade aproximada, sexo e raça.
- Cor da pelagem e características físicas.
- Histórico de vacinação.
- Número de microchip, se já tiver.

Ao final do cadastro, o sistema gera automaticamente uma carteirinha com QR Code, que pode ser impressa ou acessada pelo celular.

Acervo



Plantas tóxicas: O perigo para os pets que se esconde na beleza do jardim

Conheça os riscos escondidos em plantas ornamentais comuns e saiba como montar um jardim seguro e pet friendly.

Acervo



Ter um jardim bonito em casa é o sonho de muitos tutores, porém, por trás de algumas belezas do mundo botânico, esconde-se um risco seríssimo. Isso porque muitas plantas ornamentais, presentes em quintais e vasos, escondem substâncias tóxicas que podem causar desde mal-estar até intoxicações graves. Com isso, muitos jardins se tornam uma armadilha para cães e gatos curiosos.

Quem faz o alerta é a médica veterinária Dra. Camila Amaral, especialista em nutrição e oncologia. “Os animais têm comportamentos naturalmente exploratórios - principalmente os filhotes - com isso, ingerem acidentalmente flores, folhas ou caules. Compostos químicos presentes nessas plantas são liberados durante a mastigação”, explica a veterinária.

No ranking das plantas mais frequentes nos casos de intoxicação de cães e gatos estão presentes plantas como a Comigo-ninguém-pode (Dieffènbachia spp.), Lirios (Lilium spp.), Jiboia (Epipremnum aureum) e azaleia (Rhododendron spp.).

Sinais de intoxicação

De acordo com a Dra. Camila, os sinais de intoxicação variam conforme a espécie da planta, a quantidade ingerida e o porte do animal. Os principais sinais observados costumam ser diarreia, salivação excessiva, dor abdominal, edema (inchaço), além de alterações neurológicas (como tremores e convulsões) e respiratórias (edema de glote e dificuldade para respirar).

Como agir no caso de intoxicação

Em casos de intoxicação, o animal deve ser levado imediatamente para uma clínica veterinária. Deve-se retirar imediatamente a planta do alcance dos animais e levá-la para identificação. Isso facilitará o diagnóstico e a conduta terapêutica pelo médico veterinário.

Ela reforça a importância de agir rápido: “O pet deve ser imediatamente conduzido a uma clínica veterinária para ser examinado. Caso o tutor tenha em casa um produto chamado carvão ativado, pode ser dado ao animal no trajeto até a clínica.”

Freepik



Plantas comuns mas que são tóxicas





















Jardim pet friendly: o que é e como montar

Uma solução prática e preventiva é criar um espaço adaptado para os animais de estimação. É um espaço planejado para que cães e gatos possam explorar com segurança: plantas não tóxicas, sombras, água e sem químicos perigosos ao alcance.

É recomendável substituir plantas perigosas por alternativas seguras e igualmente bonitas. Por exemplo: trocar lírios por gérberas ou orquídeas-borboleta; comigo-ninguém-pode por samambaia-de-boston; e zamioculca por clorófito (planta-aranha). Na dúvida, procure pelo nome científico da planta e pesquise em sites confiáveis ou consulte um médico veterinário. Não ofereça acesso ao pet até ter certeza.

Acervo



Como lidar com o hábito dos cães de cavar a terra ou dos gatos de usar vasos como caixa sanitária

Embora algumas plantas possam representar um risco para cães e gatos, muitas vezes nossos pets invertem o jogo e eles mesmos se tornam “o risco” para o jardim de seus tutores. Cães costumam cavas a terra e destruir plantas - muitas vezes apenas por excesso de energia, por isso, é recomen-dável que o tutor aumente a quantidade de exercícios/estimulação. Outra opção é reservar uma área do jardim onde o cão possa cavar. Lembre-se, caso ele apronte no seu jardim, evite punir depois do ocorrido. O cão pode não associar a correção com o que ele fez.

No caso dos gatos, evite deixar o solo exposto nas áreas onde ele tenha acesso para ele não fazer suas necessidades no jardim. Cubra o solo ou os vasos com pedriscos grossos, seixos, malha ou camadas de cascas de pinos próprios. Oferecer uma caixa de areia externa - protegida da chuva e do sol - também ajuda a evitar que o gato use seu jardim para se aliviar.

Cuidados extras

Outro ponto de atenção são os produtos usados no jardim. Fertilizan-tes, pesticidas e até compostagem precisam ser mantidos fora do alcance dos animais. Retire os pets da área antes de aplicar e só retorne quando estiver seco e após o tempo indicado no rótulo. Iscas para lesmas com metaldeído são muito perigosas; se precisar controlar, busque outras alternativas.

No final das contas, um jardim vai muito além da beleza. Ele pode contribuir para o bem-estar dos nossos pets servindo como enriquecimento ambiental: um espaço onde possam cheirar, explorar texturas, procurar petiscos e descansar ao ar livre.

Do **campo de batalha** à **selva ferida:** O Comandante que salva centenas de animais

Biólogo e comandante veterano do Corpo de Fuzileiros Navais, Marcelo Almeida conta como ele atua no resgate de fauna e alerta sobre os impactos do avanço humano no meio ambiente

Divulgação/ IPAN/ Cmt Marcelo Almeida



Salvar animais silvestres em perigo não é apenas uma profissão, é uma vocação. Quem garante isso é o biólogo, professor, socorrista e veterano do Corpo de Fuzileiros Navais, Comandante Marcelo Almeida Antunes, que hoje dedica sua vida ao resgate e à conservação da fauna brasileira, especialmente através do trabalho no IPAN (Instituto de Proteção Ambiental Nacional).

Indígena da etnia Kariri-Xocó, Marcelo cresceu em contato direto com a natureza. “Desde a infância, sempre tive uma ligação muito forte com a natureza e com os animais, pois sou indígena, da etnia Kariri-Xocó da aldeia da Bahia entre Rios”, conta. O que começou como paixão se tornou carreira: hoje ele atua em operações de busca, salvamento e reabilitação de animais em risco, além de se dedicar à educação ambiental.

Resgate em ação

As operações do IPAN envolvem uma equipe multidisciplinar com biólogos, veterinários e auxiliares de campo. Marcelo explica que cada ação é planejada para garantir tanto a segurança do animal quanto da equipe. “Uma operação típica no IPAN começa com a avaliação do local e da situação do animal. A equipe, composta por biólogos, veterinários e auxiliares de campo, planeja a ação de captura e transporte utilizando equipamentos como caixas de contenção, redes, luvas e coletes de proteção.”

Entre as situações mais comuns estão atropelamentos, queimadas, enchentes, desmatamento e tráfico de animais. As espécies mais resgatadas variam conforme a região, mas incluem aves, mamíferos de médio porte, répteis e primatas.

Um dos momentos mais marcantes da trajetória do comandante aconteceu em Mangaratiba (RJ). Ele lembra de um resgate delicado: um macaco atingido por fios de eletricidade em área urbana. A operação exigiu cautela redobrada para evitar agravar os ferimentos. “Conseguimos resgatar o animal com segurança, levá-lo para tratamento e, posteriormente, devolvê-lo ao seu habitat”, relata.

Para ele, experiências como essa reforçam a importância de planejamento, paciência e trabalho em equipe.

Desafios e riscos

O trabalho, no entanto, não é livre de perigos. Marcelo já esteve em cenários de queimadas e enchentes, onde a disciplina militar e sua experiência provaram ser cruciais. “Algumas operações envolvem riscos, como animais feridos e agressivos, terrenos perigosos ou desastres naturais. Minha formação militar e experiência como veterano do Corpo de Fuzileiros Navais me permitem manter a disciplina, segurança e calma nessas situações.”

Ele também destaca que o avanço urbano e a degradação ambiental aumentam a frequência dos resgates: animais deslocados de seus habitats acabam expostos a atropelamentos, incêndios ou interações perigosas com humanos.

Divulgação/ IPAN/ Cmt Marcelo Almeida



Educação e conscientização

Além do resgate em campo, o IPAN também atua com educação ambiental. O instituto promove palestras, oficinas e campanhas para orientar a população sobre como conviver de forma segura com a fauna. Para Marcelo, pequenas atitudes fazem diferença: proteger o lixo, não alimentar animais fora do habitat e acionar órgãos competentes quando encontrar um animal silvestre em risco.

Ele alerta sobre os maiores erros cometidos pela população: tentar capturar o animal, alimentá-lo ou movê-lo por conta própria. O correto é manter distância e chamar profissionais especializados, como o IPAN, a Polícia Ambiental ou a Guarda Ambiental.

Outro ponto crítico é o tráfico de animais silvestres, problema ainda grave no Brasil. Muitas espécies são retiradas ilegalmente da natureza, sofrem ferimentos e não resistem ao estresse. Parte do trabalho do IPAN é justamente combater esse crime.

A luta sempre vale a pena

Apesar dos desafios, Marcelo afirma que a maior recompensa é ver os animais retornando ao seu habitat. “A maior recompensa é ver os animais retornarem ao habitat de forma segura e saber que conseguimos salvar vidas e preservar espécies.”

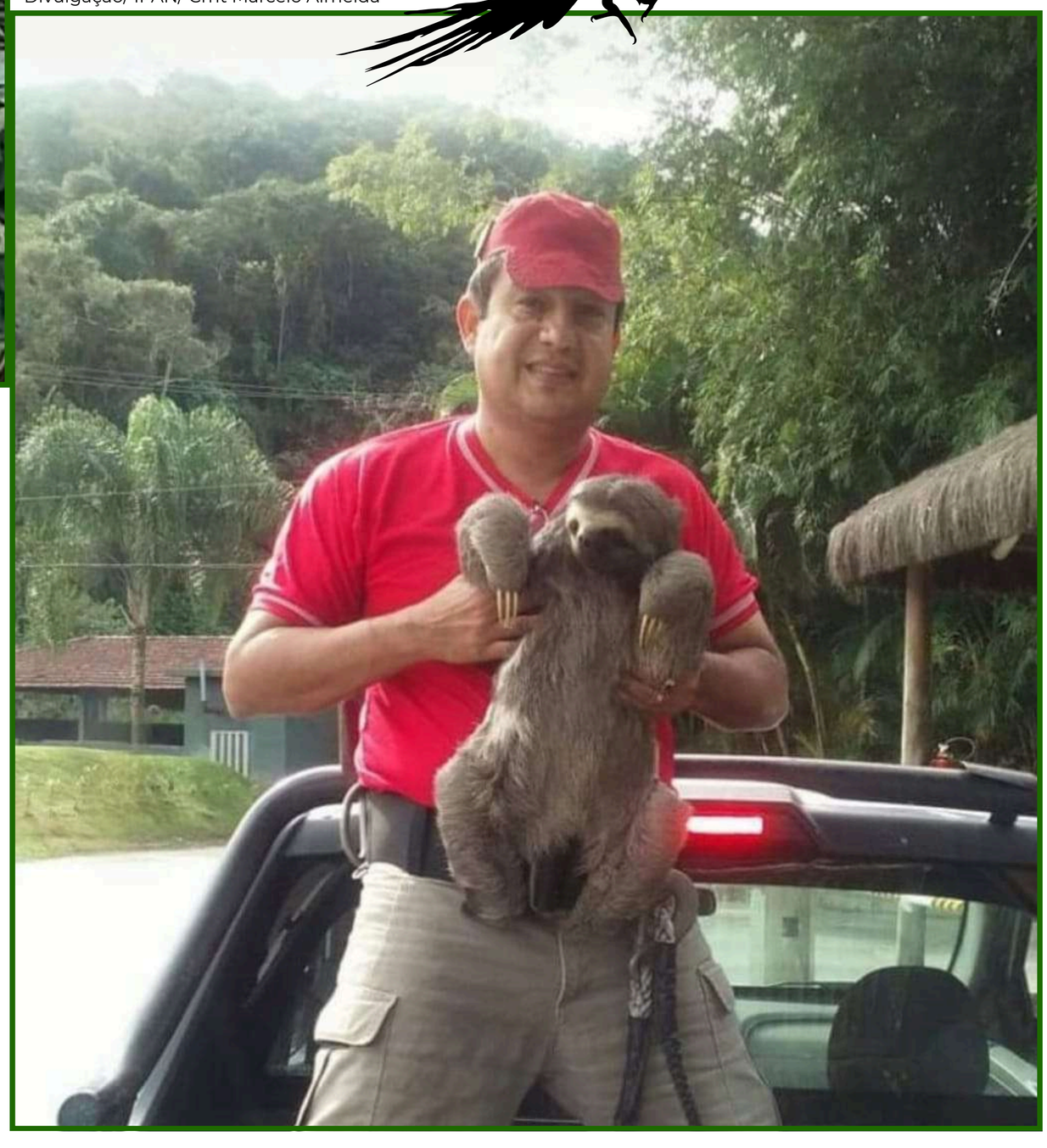
Sua mensagem às novas gerações é clara e inspiradora: “Respeitem a vida e os ecossistemas. Observem, aprendam e ajudem a preservar, evitando ações que coloquem ani-mais e o meio ambiente em risco.”



“A maior recompensa é ver os animais retornarem ao habitat de forma segura e saber que conseguimos salvar vidas e preservar espécies.”



Divulgação/ IPAN/ Cmt Marcelo Almeida



Monitoramento ambiental : O check-up da natureza que salva vidas

Alexander Ventura, biólogo e professor da UERJ, explica como o monitoramento contínuo de ecossistemas é essencial para proteger a saúde pública, a biodiversidade e orientar políticas ambientais.

Manter a saúde dos ecossistemas em dia é como levar a natureza ao médico regularmente. É dessa forma que o biólogo Alexander Ferreira Ventura de Souza, doutor em Ciência e Biotecnologia pela UFF e professor da UERJ, define o monitoramento ambiental.

"Na prática, significa estar atento ao que está acontecendo com o ambiente, e isso não é só uma vez ou outra. É um trabalho contínuo, metódico, que envolve observar, medir e entender como os ecossistemas estão reagindo às ações humanas e às mudanças naturais. Eu costumo dizer que é como fazer um check-up da natureza", explica.

Para Ventura, esse acompanhamento não é apenas científico, mas também vital. "É literalmente um trabalho que salva vidas. Tanto humanas quanto das outras espécies. Quando a gente identifica, por exemplo, que uma água está contaminada, conseguimos evitar surtos de doenças", afirma.

Entre o campo e o laboratório

A rotina do pesquisador é marcada pela diversidade: ora no campo, enfrentando calor, pernilongos e canais poluídos, ora no laboratório, interpretando dados e planejando campanhas. "É um trabalho exigente, que envolve múltiplas etapas e responsabilidades, mas é justamente essa complexidade que torna o monitoramento ambiental uma ferramenta tão estratégica para a gestão dos ecossistemas", ressalta.

Os canais urbanos, segundo ele, são os locais mais desafiadores: rasos, instáveis, com forte odor, presença de gigogas (planta aquática que ocorre quando a água está altamente poluída), resíduos sólidos e riscos biológicos. Ainda assim, são os que mais precisam de atenção por concentrarem os impactos mais críticos.

Ferramentas de diagnóstico

Do lado técnico, o arsenal é variado. Há sondas multiparâmetros, oxímetros, garrafas Van Dorn, dragas Van Veen e até sonares de varredura lateral. Mas nem sempre os números contam toda a história. Ventura lembra de um caso em que a análise físico-química parecia normal, mas a fauna do fundo havia desaparecido.

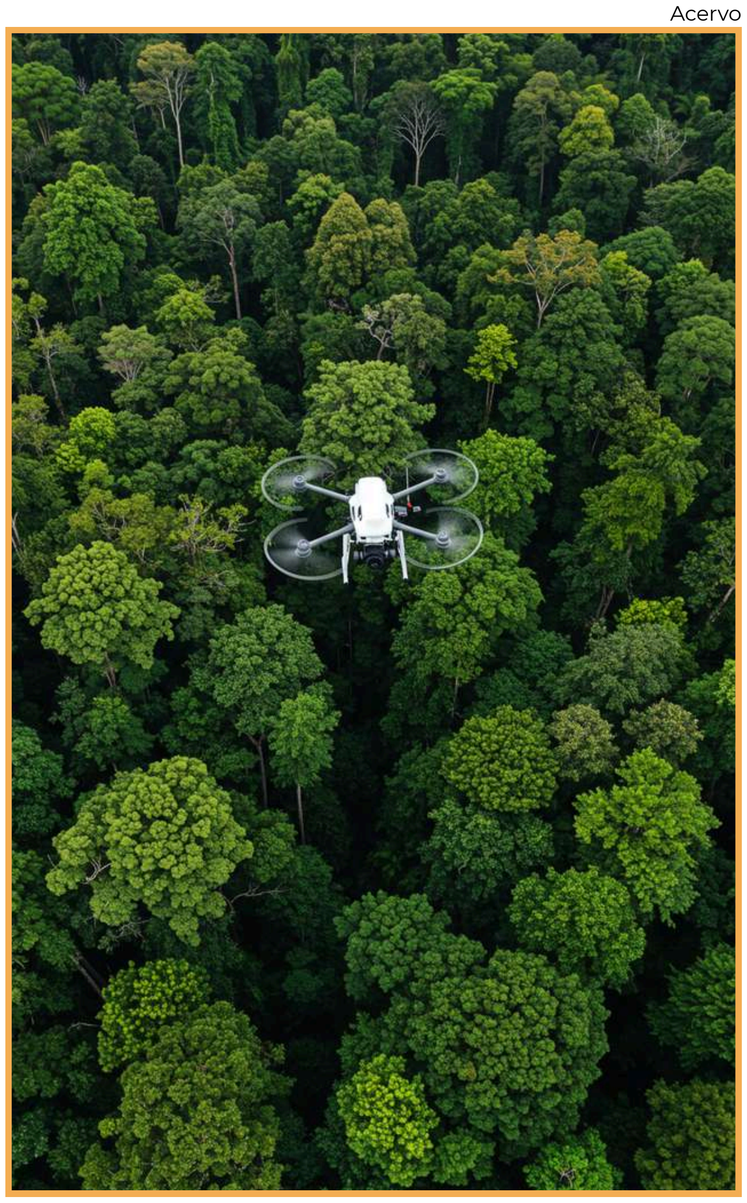
"Esse tipo de ausência é um indicativo forte de distúrbio ambiental. Fomos investigar e constatamos que houve uma descarga irregular de esgoto, que não chegou a alterar a água de forma visível, mas afetou diretamente o sedimento", detalha.

Os chamados bioindicadores — como plâncton, zooplâncton e organismos bentônicos — são fundamentais. Eles mostram os sinais invisíveis de estresse ambiental e funcionam como alertas precoces.



Acervo

Acervo



Impactos diretos na vida das pessoas

O monitoramento também serve como base para a tomada de decisão em políticas públicas. É ele que indica se uma lagoa está própria para banho, se precisa de dragagem ou de ações de saneamento. E os efeitos vão além da natureza: "Um ambiente costeiro em boas condições gera lazer, pesca, esporte, ecoturismo e movimenta a economia local. Mas nada disso se sustenta sem informação técnica", alerta o pesquisador.

Segundo Ventura, os dados evitam que decisões sejam tomadas no "achismo", o que pode custar caro para o meio ambiente e para a credibilidade da gestão pública.

A importância de agir antes da crise

Para o biólogo, o maior benefício do monitoramento é a prevenção. “O monitoramento funciona como um sistema de alerta precoce — ele nos permite identificar sinais sutis de desequilíbrio ambiental, como o aumento gradual de nutrientes, a queda no oxigênio, ou a ausência de certos organismos, muito antes que esses problemas se transformem em crises.”

Educação e participação da sociedade

Levar microscópios e amostras para escolas e eventos é uma das formas que Ventura encontra de transformar dado técnico em experiência real. Ele acredita que a participação da população é decisiva.

“Muitas vezes, são os próprios moradores que percebem primeiro as alterações no ambiente, como aumento de gigogas, mortandade de peixes, mudança na coloração da água ou odores fortes. Esses relatos ajudam a orientar ações rápidas e direcionadas”, afirma.

Projetos de ciência cidadã, segundo ele, ampliam o alcance do monitoramento, fortalecem o senso de pertencimento e aproximam as pessoas da natureza.



Acervo

“A natureza não está aqui apenas para nos servir, somos nós que dependemos dela para viver. Admirar e contemplar um ambiente natural é algo valioso, faz parte do nosso bem-estar, mas não é suficiente. Proteger é também um dever.”

Alexander Ventura, Biólogo





O melhor conteúdo sobre Psicologia para tutores e pets

- Comportamento humano
- Motivacional
- Inteligência emocional
- Guarda compartilhada de animais
- Animais de suporte emocional

Mito ou Verdade

Assim como as mulheres, cadelas e gatas têm menopausa?

MITO

Você já ouviu dizer que cadelas e gatas também entram na menopausa? Essa crença ainda circula entre muitos tutores, mas trata-se de um mito. Segundo o médico-veterinário Patrick Araujo, o organismo das fêmeas de cães e gatos funciona de forma diferente do corpo humano — e elas não menstruam, portanto, não podem passar por menopausa. “Como as cadelas e as gatas não menstruam, é impossível que tenham menopausa.”

O cio, também chamado de ciclo estral, é um processo hormonal que provoca alterações físicas e comportamentais nas fêmeas. Durante esse período, é comum haver um leve sangramento, o que costuma confundir os tutores — mas não se trata de menstruação. “Esse sangramento é resultado de ferimentos na vagina do animal, devido à dilatação que sofre durante o cio, enquanto nas mulheres o sangramento acontece no útero”, explica Patrick.

Como funciona o ciclo reprodutivo?

A reprodução das cadelas e gatas é dividida em quatro etapas: proestro, estro, diestro e anestro. No proestro, que dura cerca de nove dias, surgem sinais visíveis como inchaço da vulva e o “famoso” sangramento. Em seguida, vem o estro, também com duração média de nove dias, fase em que a fêmea está fértil e aceita o macho. Depois disso, começa o diestro, quando ela passa a não aceitar mais o parceiro — essa fase pode durar de dois a três meses. Por fim, o anestro é o período de descanso reprodutivo, com cerca de quatro meses, em que o corpo da fêmea não apresenta alterações hormonais.

Acervo



“Na primeira, identificamos que ela está no cio, pois há inchaço na vulva e sangramento, com duração de nove dias. Durante o estro, que também dura nove dias, a fêmea se torna fértil e receptiva ao macho.”

Frequência e idade reprodutiva

O ciclo reprodutivo das cadelas dura, em média, entre 15 e 31 dias, enquanto o das gatas é mais curto, de 7 a 10 dias. E mesmo quando estão mais velhas, essas fêmeas ainda podem entrar no cio, embora com menos regularidade. De acordo com Patrick, é possível que a reprodução ocorra já no primeiro cio, mas ele recomenda esperar pelo segundo cio para permitir a gestação, pois isso reduz riscos para a saúde da fêmea. Após o parto, ela já poderá engravidar novamente no cio seguinte.

Cólicas
Diferentemente do que ocorre com as mulheres, cadelas e gatas não sentem cólicas durante o cio. A dor abdominal só aparece se houver problemas como infecções uterinas, tumores ou durante o trabalho de parto.

Limite de idade
Embora não haja uma idade exata para que parem de se reproduzir, a gestação em idade avançada representa mais riscos. Fêmeas idosas tendem a ter menos filhotes, e eles costumam nascer mais frágeis.

Comportamento
Durante o cio, é comum que a fêmea fique mais carente e afetuosa. Isso se deve à ação dos hormônios, e o tutor deve estar atento para oferecer mais carinho e suporte nesse período.

O que fazer se o seu pet for **picado** por um animal **peçonhento**

Thiago Chiariello, Veterinário do Butantan explica como identificar os sinais, quais cuidados tomar e como evitar acidentes com cães e gatos.

Acidentes com animais peçonhentos são um problema de saúde pública bem conhecido entre humanos. No Brasil, picadas de serpentes, aranhas e escorpiões são tratadas com soros específicos produzidos pelo Insti-tuto Butantan há mais de cem anos. Mas quando a vítima é o seu pet, você sabe como agir? E, principalmente, como perceber que ele foi envenenado?

Segundo o veterinário Thiago Chiariello, coordenador de produção de venenos e antivenenos no Biotério de Artrópodes do Butantan, o tutor precisa ficar atento a qualquer alteração no comportamento do animal. “Ao notar algo errado, a primeira coisa a se fazer é sempre procurar atendimento veterinário e não tentar tratamentos caseiros, pois podem acabar piorando o quadro”, orienta.

Picadas mais comuns em pets

Entre cães e gatos, os acidentes mais frequentes acontecem com serpentes. Como possuem presas grandes e resistentes, conseguem ultrapassar a pelagem com facilidade e injetar veneno diretamente na pele. A reação costuma ser parecida com a dos humanos: dor forte e imediata. A gravidade depende tanto da quantidade de veneno quanto do porte do animal — quanto menor, maior o risco.

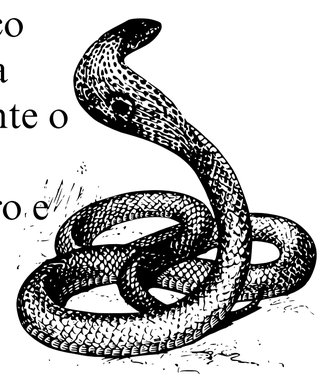
Como é feito o tratamento

Na maioria dos casos, o atendimento é voltado para aliviar os sintomas. Mas existe também o soro antiofídico veterinário, capaz de neutralizar venenos de jararaca e cascavel. Esse produto não é fabricado pelo Butantan, apenas por laboratórios privados, e costuma estar disponível em clínicas vete-rinárias de áreas rurais, onde o risco de acidentes é maior. A aplicação, no entanto, deve ser sempre realizada por profissionais habilitados.



Reprodução/ Butantan

“Nem sempre há necessidade de aplicação do soro e não é recomendado que o tutor compre o produto e tente aplicá-lo por conta própria, pois há risco de reação que pode levar a choque anafilático. Somente o veterinário pode avaliar a necessidade ou não do soro e administrá-lo com os devidos cuidados”, reforça Thiago.



O que não fazer

Assim como nos acidentes com pessoas, existem muitos mitos sobre o que ajuda nesses casos — e a maioria só atrapalha. Jamais passe substâncias na picada, não faça torniquetes e nem tente sugar o veneno. Essas práticas pioram a circulação e podem até levar à amputação do membro atingido.

A recomendação correta é simples: lave a área com água e sabão e leve o animal o mais rápido possível ao veterinário.

Sintomas típicos por tipo de serpente

Picada de Jararaca

- Dor
- Inchaço na região
- Sangramento no ferimento e nas mucosas
- Manchas roxas

Picada de cascavel

- Dor
- Inchaço local
- Alterações neurológicas, como paralisia, pálpebras caídas e dificuldade para andar

Picada de coral-verdadeira

- Dor
- Falta de ar
- Alterações neurológicas, como fraqueza muscular e problemas de locomoção



Reprodução/ Butantan/ Mateus Serrer



Reprodução/ Butantan/ Mateus Serrer

Picada de escorpião ou aranha

Mais raramente, os pets também podem sofrer acidentes com aranhas (como arma-deira e aranha-marrom) ou escorpiões. Para picadas de aracnídeos, não existe soro vete-rinário disponível – o tratamento é feito com base nos sintomas, sendo os principais **dor severa e persistente, inchaço e vermelhidão, no caso da armadeira e do escorpião**. É pos-sível notar o animal demonstrando descon-forto ou mancando, se a ferida for em algum dos membros.

Já os acidentes com **aranha-marrom não costu-mam ter dor associada**. Porém, alguns sinais podem ser notados como ferida com necrose (muito comum), sangue na urina e urina escura (ambos menos comuns).

Soroterapia: humanos X animais

É importante lembrar que os soros usados em pessoas e os destinados a pets são diferentes, com fórmulas e doses específicas. Ambos só podem ser aplicados em locais preparados para lidar com possíveis reações adversas. No caso dos humanos, os soros produzidos pelo Butantan são distribuídos exclusivamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em hospitais de referência.

COLUNA PSICOLOGIA & PET



por **ISABEL ARAUJO** @psicologia.isa

Cães percebem **quem gosta** (ou não) de seus tutores

Quem convive com cães já percebeu: eles parecem ter uma espécie de "radar emocional". Se alguém não demonstra simpatia pelo tutor, o cão rapidamente capta esse detalhe e pode se mostrar desconfiado ou até indiferente. Mas será que isso é apenas impressão dos tutores ou existe ciência por trás desse comportamento?

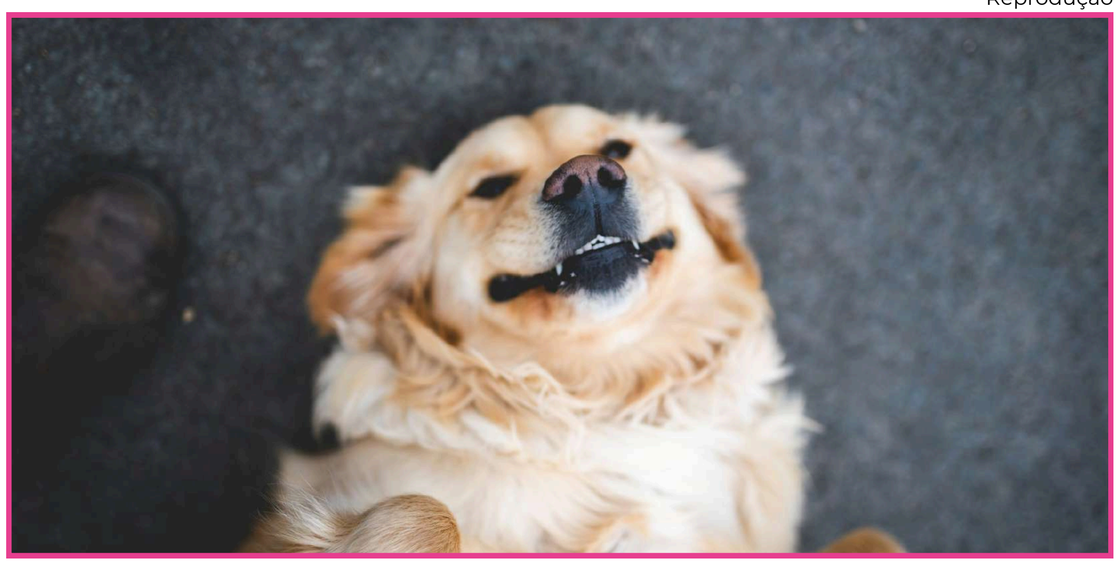
Estudos de psicologia animal mostram que os cães são extremamente sensíveis às interações sociais que envolvem seus humanos de referência. Eles observam atentamente não apenas o tom de voz, mas também a linguagem corporal e até expressões faciais de quem se aproxima. **Mais do que isso:** os cães conseguem interpretar quando uma pessoa trata mal ou demonstra antipatia pelo seu tutor, e tendem a não confiar nesses indivíduos.

Esse comportamento tem base evolutiva. Como animais sociais, os cães aprenderam a formar alianças seguras e a proteger seu grupo. Ao perceber que alguém representa ameaça — mesmo que simbólica — ao vínculo com o tutor, eles acionam mecanismos de cautela. Para o cão, quem não respeita seu humano pode não ser digno de confiança.

Do ponto de vista psicológico, esse fenômeno é fascinante porque revela a profundidade do vínculo entre cães e pessoas. O tutor se torna a figura central do mundo afetivo do animal, e qualquer comportamento externo que coloque essa relação em risco é imediatamente percebido e interpretado.

Para nós, humanos, fica a reflexão: se até os cães percebem e se afastam de quem não valoriza nossos vínculos, talvez devêssemos ouvir mais a sabedoria silenciosa deles. Afinal, como dizem por aí, quando um cão desconfia de alguém, é sempre bom prestar atenção.

Reprodução



COLUNA ENTRE LEIS & PATAS



por **PATRICK ARAUJO** @paf_vetforense

Lei Sansão: e as outras espécies animais ficam para trás?

Desde 2020, quando a chamada ***Lei Sansão*** entrou em vigor, o Brasil passou a tratar com mais rigor os casos de maus-tratos contra cães e gatos. A lei aumentou a ***pena de dois a cinco anos de reclusão***, além de multa e proibição de guarda, para quem praticar crueldade contra essas duas espécies. Foi um avanço e tanto.

Mas há um detalhe incômodo, que poucos percebem até que um caso concreto bata à porta: ***e quando a vítima não é um cão ou gato?***

Se o animal for um cavalo usado até a exaustão, uma vaca deixada dias sem alimento, um coelho espancado, ou até mesmo um animal silvestre preso em condições degradantes, ***a pena continua sendo a do artigo 32 da Lei de Crimes Ambientais em sua redação original: detenção de três meses a um ano, e multa***. Em termos práticos, uma punição leve, muitas vezes convertida em serviços comunitários ou pagamento de cestas básicas.

Isso nos leva a uma reflexão incômoda: será que o sofrimento de um cão ou gato vale mais do que o sofrimento de um cavalo? A dor de uma ave, de um boi, de um porquinho-da-índia é menor aos olhos da lei?

É inegável que a mobilização popular em torno da história do pitbull Sansão — que teve as patas traseiras decepadas em Minas Gerais — foi o estopim necessário para que o Congresso Nacional se movesse. Mas também é preocupante que dependamos sempre da comoção causada por um caso emblemático para garantir avanços legais.

E aqui lanço a pergunta: ***será que vamos esperar outro animal morrer em condições brutais, que não seja um cão ou gato, para decidir aumentar a pena para as demais espécies?***

Como veterinário, sei que a dor não escolhe espécie. Como perito judi-cial, já testemunhei cavalos com lesões de arreio tão graves quanto as mutilações de cães espancados. Como jornalista, não posso deixar de notar a contradição: ***avançamos para uns, mas esquecemos os outros***.

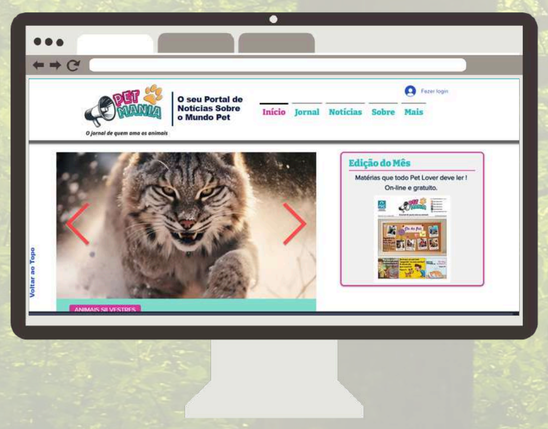
Não se trata de diminuir a importância da Lei Sansão. Pelo contrário, trata-se de reconhecer que ela precisa ser expandida, ampliada, corrigida. Precisamos de uma lei que proteja de forma igualitária todos os animais, sem privilegiar uns e relegar outros.

Porque dor é dor. Sofrimento é sofrimento. E crueldade, seja contra quem for, deveria ter o mesmo peso diante da Justiça.

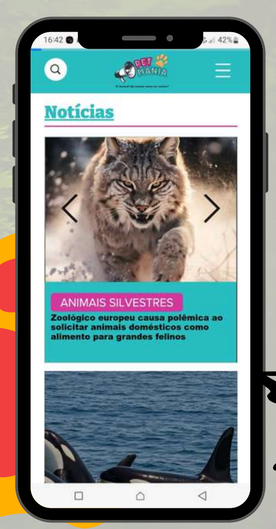
CONHEÇA O
PORTAL DE NOTÍCIAS

DISPONÍVEL EM TODOS OS DISPOSITIVOS

www.jornalpetmania.com



NO COMPUTADOR



NO CELULAR

FIQUE POR DENTRO DE TUDO O QUE ROLA NO MUNDO PET E NA NATUREZA!

ANUNCIE CONOSCO

ANUNCIE NO JORNAL MAIS PET DO BRASIL E ALCANCE O PÚBLICO CERTO!

(21) 97572-3391

DIVERSOS TAMANHOS:
- PÁGINA INTEIRA
- MEIA PÁGINA
- ⅓ DE PÁGINA
- RODAPÉ

FORMATOS:
- HORIZONTAL
- VERTICAL

FAZEMOS PUBLIEDITORIAL

RECEITAS PET

Acesse o site e descubra receitas que o seu pet vai amar!



MURAL DA FOFURA



RAPIDINHAS

Cavalo estava vivo

O cavalo que teve as patas decepadas por um jovem em Bananal, no interior de São Paulo, estava vivo no momento em que sofreu as agressões. O laudo apontou que o animal apresentava hematomas que só podem se formar enquanto ainda há vida.

Por um triz

Um tubarão atacou um surfista e arrancou um pedaço da prancha de surfe em uma praia na Austrália. As autoridades fecharam a praia temporariamente e, apesar do susto, ninguém ficou ferido.

Coelho zumbi?

Fotos de coelhos com estranhos “tentáculos” saindo da cabeça, boca e até dos olhos circularam nas redes sociais. Apesar do aspecto assustador, veterinários explicam que o fenômeno é relativamente comum.

O pet que virou comida

Uma produtora rural decidiu entregar o pônei da própria filha para o Zoológico de Aalborg, na Dinamarca, após a instituição solicitar, publicamente, a doação de animais domésticos para compor a alimentação de espécies predadoras mantidas no local.

Avanço científico

Cachorro recupera os movimentos depois de ter perdido a mobilidade das patas traseiras em razão de uma lesão na medula espinhal. O animal faz parte de um grupo de seis cães que participam de um ensaio clínico pioneiro no país, baseado no uso da proteína polilaminina, capaz de estimular a reconstrução das conexões nervosas.

Leia mais no site:
www.jornalpetmania.com

Assessoria e Consultoria Veterinária em casos de:



Guarda compartilhada de animais

Animais em condomínios

Maus - tratos

Erro médico veterinário

Alimentos contaminados

“Aproximando tutores e animais dos seus direitos”

Entre em contato conosco
e agende uma consulta.

(21) 98237-7820

@paf_vetforense

P.A.F VETERINÁRIA FORENSE